



Capistrano de Abreu

DÁRIO MOREIRA DE CASTRO ALVES*

Feliz idéia a da Academia Brasileira de Letras de publicar *Ensaíes Inéditos*, de autoria de Afonso Arinos de Melo Franco, com a transcrição, atualização ortográfica, introdução e notas de autoria de seu filho, e titular do mesmo nome Afonso Arinos de Melo Franco. Ambos são ilustres expressões da Academia Brasileira de Letras. E ambos profundamente vinculados ao Ministério das Relações Exteriores, o Itamaraty, porque foram ambos diplomatas, tendo o pai ocupado missões diplomáticas diversas, e sido nada menos que o chefe da diplomacia brasileira, isto é, o Ministro das Relações Exteriores, ou Chanceler, como o chamamos no Brasil. Envaidece-me assinalar que fui seu auxiliar de gabinete, ainda no tempo do velho Itamaraty da rua Larga de São Joaquim, ou Marechal Floriano, no Rio de Janeiro, nos anos 1960. O filho, tam-

* Sócio efetivo do Instituto do Ceará.

bém Afonso Arinos de Melo Franco, foi diplomata de carreira e terminou seu serviço ativo, antes de aposentar-se, num dos mais nobres e dignos postos da *Carrière*, embaixador do Brasil na Santa Sé, junto a um Papa de extraordinário relevo que foi João Paulo II, não apenas para a História da Igreja mas para a História da Humanidade.

O ensaio de Afonso Arinos é uma pintura em estilo vivo e original, em evocação, no dia do nascimento de Capistrano de Abreu, da grande figura que tão importante e extraordinário papel desempenhou na historiografia brasileira. O ensaio foi escrito sob o impacto do comparecimento a uma sessão da Sociedade Capistrano de Abreu, uma discreta entidade que se reunia em Botafogo, na casa em que morou no Rio de Janeiro o grande mestre.

Afonso Arinos assinala que Capistrano fez incursões altamente proveitosas e decisivas nos campos da etnografia, da geografia, da bibliografia, da lingüística indígena, do folclore e da historiografia brasileira. Foi ele uma figura absolutamente excepcional. Não somente no Brasil mas em toda a América Latina. Tão excepcional ou mais quanto Machado de Assis o foi no campo literário, no Brasil. Afonso Arinos lembra que o historiador alemão Karl von Koseritz esteve presente na sessão em que Capistrano prestava exame para chefiar a cadeira de História do Brasil no Colégio Pedro II. Tinha pouco mais de 30 anos, nos idos de 1880, por ocasião de triunfo arrasador na sessão do concurso para uma cadeira das mais prestigiosas do ensino no Brasil do nosso Capistrano.

* * * * *

João Capistrano de Abreu nasceu em Maranguape, próximo à cidade de Fortaleza, Ceará, em 23 de outubro de 1853, num lugarejo chamado Columinjuba. Estudou no Ateneu Cearense e no Seminário Episcopal. Dizem seus biógrafos, sem reboços, que ele era mau estudante, porém um leitor verdadeiramente infatigável, devorando livros de geografia, história e literatura, no que demonstrava já espírito crítico independente, no dizer de Sílvio Romero, grande homem de letras do Brasil, conhecido além-frontei-

ras. Pouco depois, Capistrano já lia grandes autores e pensadores europeus como Augusto Comte, “papa” do Positivismo; o grande pensador e historiador francês Hipólito Taine; Henrique Buckle, historiador inglês; Herbert Spencer, grande filósofo e pensador inglês, mestre da filosofia evolucionista. O menino de Maranguape continuava mau aluno, no Recife também, onde se instalou e viveu algum tempo, mas as suas leituras vieram dar-lhe uma formação intelectual riquíssima.

Cedo começou a trabalhar para a livraria Garnier, onde escrevia notas sobre livros publicados pela editora e passou a lecionar mais tarde num colégio em que foi professor de alunos como Olavo Bilac, Raimundo Corrêa, Fausto Barreto etc. Em 1879, verdadeiramente um jovem ainda, entrou e foi aprovado em primeiro lugar num concurso para a Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Em 1878 publicou, no *Jornal do Comércio* do Rio de Janeiro, o necrológio de Francisco Adolfo de Varnhagem. O estudo sobre Varnhagem é considerado ainda hoje como fundamental para a compreensão tanto de Varnhage assim como do próprio Capistrano de Abreu. Ao longo de sua vida de 70 e alguns anos publicou obras de valor fundamental para a História do Brasil, dentre ensaios e estudos: *O Brasil no Século XVI*; *Caminhos Antigos e Povoamento do Brasil*; *Capítulos de História Colonial*. Edições críticas de extraordinário valor fez ele sobre a *História Geral do Brasil*, de Varnhagem, e *História do Brasil*, de Frei Vicente do Salvador. Traduziu do alemão importantes obras de geografia.

O domínio do alemão, as traduções de Wappeus, Sellin, Kirchoff, entre outros, o conduziram a uma crescente familiaridade com a historiografia alemã, sua metodologia e seu processo essencialmente crítico em relação às fontes documentais, que tendiam a afastá-lo de esquematismos simplificadores.

As palavras aqui escritas sobre Capistrano de Abreu devem ser tomadas todas como merecido legado do excelente ensaio de Afonso Arinos de Melo Franco, em seu livro *Espírito e Ação*, ensaios escritos pelo grande mestre sobre os mais variados temas. O livro é constituído de quase uma centena deles, desencavados por seu filho Afonso Arinos, na década de 1940, portanto há mais de 60

anos. Pedia Afonso Arinos exaltação da memória de um grande e extraordinário brasileiro sobre quem ele ouvira falar no recinto de “uma das mais modestas sociedades deste mundo”, uma casa em Botafogo, que era a “Sociedade Capistrano de Abreu”, do Rio de Janeiro.